

OS INCOMEDIDOS GLUTÕES -A HIPÉRBOLE DA CULINÁRIA E OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Escrevi antes noutro lugar: ainda está por explicar-se o sentido de abastança, fartura, atribuído de modo paradoxal ao homem dos sertões, circunstância que ele, com salutar alegria de fome contentada, celebra em versos ou em histórias - histórias mesmo ou breves anedotas - cuidando de referências a alimentos e mesa farta. Não é sem razão que uma das mais festejadas aventuras de Pedro Malas-artes, repetida em feiras sertanejas, é da divertida cena em que ele participa, tendo de protagonista a dona da casa, a mulher que o recebe e que resiste bravamente para não lhe servir os quitutes que acabara de preparar para o marido ausente - uma galinha assada e doces -, artigos que Malas-artes identificara quando antes estivera trepado na cumeeira do telhado.

No decorrer do conto o finório vai fingindo que obtém as informações ao seu urubu pretensamente mágico, capaz de lhe confidenciar onde demora qualquer coisa escondida.

Não fica aí o envolvimento do herói com o fascínio pela alimentação. Em outras peripécias não falta, por exemplo, a seqüência da panela mágica capaz de cozinhar apetitoso feijão com carne, sem auxílio de fogo.

Os alimentos pelo sertão são exaltados em verso e prosa e nos causam a impressão de que mesmo quando a fartura é meramente subjetiva acaba por suprir a satisfação pessoal do homem simples e desambicioso.

O cantador Fabião das Queimadas, em versos colhidos por Luís da Câmara Cascudo, flagra esta cena de Manuel Adelino convocando os vaqueiros para uma vaquejada, hora em que preliba os comes-e-bebes abundantes:

*Tornou a dizer de novo
Ali aos seus camaradas:
- Boi e vaca que morrer
Hoje é para se comer,
A mim não se deve nada.*

*Ficou o povo animado
Com as palavras do patrão.
- Vamo agora comer muito
Farofa, carne e pirão...
Até eu estive lá
Também dei meu empurrão... (1).*

Nas facécias não raro predominar o tema de abundância, da comida servida exageradamente. Em versos de uma estrofe, anotados por Leonardo Mota e ouvidas ao cantador piauiense Cão Danado, o assunto splende em todo o seu absurdo:

*Vindo um dia de serviço
Achei um homem arranchado,
Falou-me o capão em compra,
Eu disse: “Dou ele é dado.”
E falei para Sá Rita:
- “Quero este capão matado.*

*Mais um pouco ela me disse:
- “O capão está preparado.”*

*Veio capão com arroz,
Veio capão guisado,*

*Veio capão com pirão,
Veio capão com tempero,
Veio capão recheado...
Comeram quarenta homens,
Ficaram tudo entaipado...*

*Um quarto desse capão
Sá Rita tinha guardado
Lá num canto da cozinha
Num gancho dependurado:
Este capão de Sá Rita
Por ela foi bem criado...*

O folclore cearense - e por extensão o nordestino - é pródigo em faceciosas referências a alimentos e comilões.

A própria linguagem do cotidiano para referir a morte de pessoas da comunidade, assume nítido sentido de frustração aos prazeres da mesa sertaneja, evidenciada por estas exemplos alinhados em pesquisa do folclorista Mário Souto Maior:

“Não-comer-mais-feijão; não-comer-mais pirão; comer-pão-de-terra; dar-adeus-a-jerimum; deixar-a-farinha-para-os-ou-tros; deixar-de-comer-farinha; entregar-a-rapadura; ir-dar-conta-do-feijão-que-comeu” etc, etc.

Mas os que se exageram às refeições, portanto os incomedidos, logo são agraciados com desprimorosos conceitos qual este: “É mesmo que impinge”- E julgados com impiedade pela sabedoria popular. A propósito escrevemos noutra oportunidade:

“Talvez haja um pouco de exagero nessa maneira de ver, mas tudo indica que somos todos, pelo geral, principalmente os

nordestinos, obstinados inimigos de glutões. Possível que, sob a influência das grandes estiagens (as secas), acabássemos abusando os que se sentam à mesa para comer à farta.”

Em sua linguagem espontânea e saborosa o povo não poupa a quem se exagera na ingestão de alimentos:

“Virge! é vê um cavalo pra comer!”- “Derruba um prato de feijão num abrir e fechar de olhos!”- “Viu comida é como urubu por carniça.”- “Come tanto que só falta roer a beirada do prato.”- “Ô homem pra comer! Não é homem, é uma seca.”- “Com ele é só no “venha mais” - “É um cabra esgalamido! ” - “Como com os olhos e a testa.”- “Bota tanta comida no prato que dá pra se esconder atrás...”- “Parece que a comida vai se acabar.”- “Come até às tampas. ” etc., etc. (2).

Não se pode entender, por exemplo, um vaqueiro gordo. Ele é hígido mas magro. E de geral como os que se empregam nas lides do campo, sumido de carnes. O gordo nessa coletividade campestre é tido por debochado, não passando de “barriga de soro azedo”. Magro igualmente o cangaceiro como existia pelos sertões.

Bom de Veras, cangaceiro esfomeado, é exceção. Na casa do Pe. Cícero deu conta de quantos pratos as beatas trouxeram à mesa. Mas o padre, na ocasião, gastou todo o tempo do almoço revirando e amassando “a comida num prato de vidro, e nem comeu.” (4).

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, era conhecido por não exagerar no apetite. Mas em compensação queria saber se seus cabras estavam bem servidos, indagando a cada um de per si:

“Seu buxo tá tinindo como corda de viola?” (5).

Trouxe para o bando o regime alimentar dos Ferreiras, sua família, constituído de “leite com farinha, pão de milho molhado, xerém e coalhada escorrida.” (6).

Por essa razão, é possível supor, os seus companheiros de normal não tinha barriga crescida, como acontecia com os cangaceiros Coqueiro, Gato, Português, Quixabeira, Roxinho, Gitirana etc., etc. Gordo mesmo só o Sabino Gomes. Esse era baixo e sem

grande mobilidade. Ferido em confronto com a polícia “ocultou-se nos matos e faleceu devorado pelos bichos.” (7).

Certo que a abundância de alimentos pode não existir na realidade, na moldura em que se insere o sertanejo, mas a idéia de abundância é fundamental... e também paradoxal. Transita na inspiração popular o sentimento de regozijo pela mesa bem servida, onde demoram iguarias. Debaixo dessa pontuação subjetiva não de raro a inventiva do poeta popular ou repentista encontrar o Édén desejado, não obstante os óbices dos tempos marcados pelos desconfrontos de dias mais secos que molhados. Será o caso do cordelista Manoel Camilo dos Santos que des-creve o lugar melhor do mundo, talvez o paraíso sertanejo, o “país de São Saruê”, em que conta o que deparou:

*Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada,
lagoa de mel de abelha,
atoleiros de coalhada,
açudes de vinho do Porto,
montes de carne guisada.*

... ..

*Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado,
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despoldado
peru nasce de escova
sem comer vive cevado. (8).*

Há um humor subjacente nessa hipérbole tal qual vai-se ver, por exemplo, em dois poemas do século XVII que, na Inglaterra, e vale dizer em outras paragens distantes e diferentes, na opinião de Raymond Williams (9), utilizam uma versão específica da vida campestre quanto aos propósitos de nosso interesse por hora, a

“providência” da natureza, administrada com o mesmo humor da inspiração do cordelista sertanejo:

*o faisão, a perdiz e a cotovia
Vieram à minha casa em romaria,
A vaca e o cordeiro, sem relutância,
De bom grado vieram à matança,
E todos os bichos da Criação,
Mesmo a tribo escamada preferiu
Nadar no molho a nadar no rio. (10).*

Será isso humor? Não, de certo, mas fantasia, algo que tende a escamotear, a “apagar”, a realidade; ou transfigura-a.

Observa Williams Raymond: no “bucolismo clássico” (de Teócrito, de Virgílio...) e outras formas de literatura rural, há quase invariavelmente uma tensão entre leite e perda; entre colheita e trabalho...” (11) E acrescento: entre o que se perde sempre e o que nunca se consegue ganhar.

Por isso a metáfora é indispensável no discurso poético e vai vigorar, como quer o autor, “em termos de atmosfera na ambiguidade consciente de Marlowe”, autor de mais consciência poética que os já mencionados:

*cinto de palha e botões de era
com fechos de âmbar e coral. (12)*

Nada disso soa estranho. No entendimento de Marinetti “comensal popular se distingue fundamentalmente do comensal aristocrático: o primeiro se alimenta para saciar um desejo primário” (...) “O segundo come para consumir obras de arte...” (...) “Ele ingere beleza.” (13) Que conclusão tirar disso? Que o comensal aristocrático acabo consumindo pratos coloridos, bem decorados, e de bastante sabor, apresentados muitas vezes em suntuosa **mise-en-scène**.

Mas em ambas as circunstâncias o objetivo de quem se senta à mesa, para nutrir-se, acaba sendo o da intenção de conquistar “um belo corpo, forte, equilibrado, musculoso, animal e mecânico.” (14).

Esse pensamento retórico de Marinetti interessa pouco à categoria dos excluídos que na inventiva popular deseja apenas “sobreviver” a desfrute dos recursos da hipérbole.

Desse modo se para o comensal aristocrático o “olhar é privilegiado na culinária futurista (proposta por Marinetti), para o sertanejo sofrido só a exacerbação da fantasia tem o dom de “privilegiar” os seus desejos culinários.

Tornando à vertente cordelista vale dizer que no cordel “As Proezas de João Grilo” (15) as boas iguarias na realidade não se preparam para a gente comum - pobres e desvalidos -, mas para quem possui nobreza e fortuna. Desse forma a ser servido o almoço no castelo do Duque, na história, João Grilo rejeita-o sob visível achincalhe, como vai narrado:

*O rei bastante zangado
perguntou para João:
por que motivo o senhor
não come da refeição?
Respondeu João com maldade:
tenha calma, majestade,
digo já toda a razão.*

*- Esta mesa tão repleta
de tanta comida boa
não foi posta para mim,
um ente vulgar atoa
esde a sobremesa à sopa
foram postas à minha roupa
e não à minha pessoa.*

Em face dessa exposição que se houve até aqui, imaginamos, nem sempre convincente, acode ao leitor o momento de

compreender pelo menos nesse ponto que a adoção de regime alimentar acaba significando uma “escolha existencial”.

Dí-lo Michel Onfray.

O regime não é apenas uma fórmula simples para propiciar à criatura humana a sua sobrevivência. Como quer Michel Foucault, é “toda uma arte de viver”. (16)

E a tanto - impõe-se-nos repetir o pensamento, já agora, do autor de “O Banquete dos Onívoros”: “Maneira de existir. Mas também maneira de sonhar nosso corpo, de fantasiar o porvir, de associar o alimento e o real na futurição.” (17).

Distante anos luzes desse entendimento prospera a culinária do homem simples que jamais conheceu, lembre-se, o caminho dos restaurantes. Culinária feita com humor e hipérboles. Com metáforas e invenções.

Mas recriando, entre o mundo real do quotidiano de modestas regras de estética, e a irrealidade das iguarias mágicas, persiste e prospera a mesmice deliciosa da paçoca, da coalhada escorrida, da rapadura com farinha..

Cardápio que certamente uma vez ou outra inclui a fartura dos “montes de carne assada” ou de “açudes de vinho do Porto.”

Na verdade tudo deglutido sem exagero: o irreal e o testemunhado. Tudo movido por um instinto que é mais humano que estético, e que às vezes não importa muito. Assim pelos caminhos místicos ou do amor. Desse quando a paixão é manjar maior:

*El-Rei convidou a Pierre,
Para consigo jantar,
E em frente de Magalona,
Cortês o mandou sentar.*

*Nem ele nem a Princesa,
Os belos manjares tocaram,
A trocar olhares ardentes,
Durante o jantar ficaram... (18)*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 01** CASCUDO, Luís da Câmara - “Vaqueiros e Cantadores Liv. Globo, Porto Alegre, 1939, p 76.
- 02** OLIVEIRA, Aglaê Lima de - “Lampião, Cangaço e Nordeste, O Cruzeiro, Rio, 3ª edição, 1970, p 144.
- 03** O.c., p 56.
- 04** Idem, p 144.
- 05** Idem, p 26.
- 06** Idem, pp 170 a 178.
- 07** SANTOS, Manoel Camilo dos - in “Literatura de Cordel”, ant. organizada por Ribamar Lopes, BNB, Fort., 1982.
- 08** RAYMOND, Williams - “O Campo e a Cidade na História e na Lit.”, Cia. de Letras, S.Paulo, 1990, p 46.
- 09** Idem, p 49.
- 10** Idem, p 33.
- 11** Idem, p 39.
- 12** ONFRAY, Michelk - “O Ventre dos Filósofos - crítica da razão dietética”, Rocco, Rio, 1950, p108.
- 13** Idem, ibidem.
- 14** ATHAYDE, João Martins de - “As Proezas de João Grilo” in “Literatura de Cordel, Antologia org. por R.L., BNB, Fortaleza, 1982.
- 15** ONFRAY, Michel - o.c., p 27.
- 16** dem, ibidem.
- 17** CASCUDO, Luís da Câmara - o.c., p 39.